

Às Glorias da minha vida

«Somos as mulheres contra as quais os nossos pais e mães nos preveniram. E estamos orgulhosas disso.»

GLORIA STEINEM





Há muito, muito tempo, num reino bem distante, viviam um rei e uma rainha que desejavam ter filhos. Um dia, uma rã apareceu na casa de banho da rainha e, qual espírito santo, facultou-lhe o que ela tanto desejava, sem que, pelo meio, houvesse a chantagem dos beijos. Exatamente nove meses depois, a rainha deu à luz uma menina a quem chamaram Linda Rosa.

Os reis estavam tão contentes que organizaram uma grande festa para celebrar e convidaram todas as fadas do reino, menos uma, porque a baixela de ouro não era suficiente, e preferiram ser indelicados do que comprar mais um prato. Convidadas de excelência, as fadas chegaram à festa com valiosos presentes na forma de dons: beleza, virtude, paciência... Podemos imaginar o resto.

Andavam nisto quando entrou em cena aquela que não tinha sido convidada, tão furiosa que lançou uma maldição à recém-nascida: quando fizesse 15 anos, picaria o dedo no fuso de uma roca e morreria de imediato.

Cega de raiva, nem reparou que havia uma fada que ainda não oferecera o seu presente. No entanto, essa, a última da fila, não poderia desfazer completamente a maldição, mas apenas atenuá-la: com a picada, em vez de morrer, tanto a princesa como o reino cairiam num sono profundo durante cem anos.

Os reis fizeram os possíveis para evitar esse destino e destruíram todas as fiações dos seus domínios. Porém, a curiosidade levou a princesa a abrir uma porta fechada à chave, atrás da qual uma anciã fiava, e o trágico final foi inevitável. De repente, o castelo e todas as suas imediações ficaram cobertos por uma impenetrável rede de espinhos, e a princesa caiu no tal sono profundo. Muitos jovens tentaram atravessar o bosque espinhoso em busca da bela adormecida, mas foi preciso esperar cem anos para que um belo príncipe conseguisse abrir caminho até onde ela jazia inconsciente.





Depois de ele a beijar nos lábios, a jovem despertou, miraculosamente sem olheiras nem mau hálito, e, nesse instante, apercebeu-se de que aquele rapaz era o amor da sua vida. Houve uma grande festa, casaram-se e foram felizes para sempre.

Séculos depois desta versão do conto, em 1959, chegou-nos outra, da Disney, um pouco mais açucarada. Nela, a princesa chama-se Aurora e vai viver para o campo com três fadas madrinhas, para que elas a protejam. Aí, por puro acaso, conhece o seu futuro noivo, por quem se apaixona, logo depois de terem dançado ao som de uma canção. Tal como na história anterior, a tragédia acaba por acontecer, mas não é preciso esperar um século para que o feitiço se quebre. O intrépido cavaleiro atravessa as silvas e luta contra uma bruxa furiosa, transformada em dragão. Claro que a vence e, no final do filme, todos cantamos em conjunto com a princesa, interrogando-nos de que cor seria o vestido dela, azul ou cor-de-rosa. O que tínhamos como certo é que havia por ali um príncipe destinado a salvar-nos.

Como tantas outras meninas, cresci com o sonho de ser princesa, resgatada por um jovem e formoso príncipe, com quem me casaria e seria muito feliz. Claro que teria de ser boazinha e bonita para ser desejada por ele. Não tinha importância que a princesa Aurora, embora fosse a protagonista do filme, não o fosse na sua própria vida, já que pouco mais fizera do que dormir, pois sabíamos que Filipe, valente e deslumbrado pela beleza dela — não tanto pelo intelecto, pois no último encontro não tinham trocado uma palavra —, iria salvá-la, e o final feliz é que era importante.







Em pequena, na escola, chamavam-me maluca. Soube disso por acaso, embora nesse dia não chegasse a saber concretamente porque o faziam. Acabava de mudar de cidade e era «a miúda nova». Os óculos que usava não ajudaram muito; era o tempo das «caixas de óculos» e das «quatro olhinhos». Talvez até fosse esquisita. Passava horas a sonhar e a imaginar coisas, a desenhar e a ler. Anos depois, chegou outra menina esquisita à turma e contou-me que a alcunha que tanto me ofendera vinha de um dia de chuva em que alguns colegas me tinham visto fingir que era a Mary Poppins nas escadas do pátio, saltando com um guarda-chuva aberto. Felizmente, nós, as marginalizadas, juntámo-nos e acabámos por nos sentir um pouco menos sós.

Era a época da Educação Geral Básica e, quando cheguei ao primeiro ano do ensino secundário, deixei para trás os meus torturadores, mas não a suspeita de que poderia sofrer de um certo tipo de loucura. Essa acompanhou-me durante toda a vida, porque, quando nos dizem uma coisa durante muito tempo, acabamos por acreditar.

Na primavera de 2021, Zahara publicou o seu álbum mais pessoal: *Putá*. Contou nas redes sociais que, quando era pequena, descobriu que os colegas de turma lhe chamavam Merichane, o nome da prostituta da aldeia. O tema *Canción de Muerte y Salvación* fala de uma mancha negra, um alcatrão que lhe saía das artérias. Sei a que alcatrão ela se referia. Todas o sabemos e, por isso, surgiu o *hashtag* #yoestabaahí: foi libertador, para ela e para todas, podermos gritar, podermos libertar-nos da culpa e da vergonha, compreender que não somos o que nos fizeram acreditar que somos.

Loucas, putas, bruxas, intriguistas, manipuladoras... MÁS, sem sombra de dúvida.

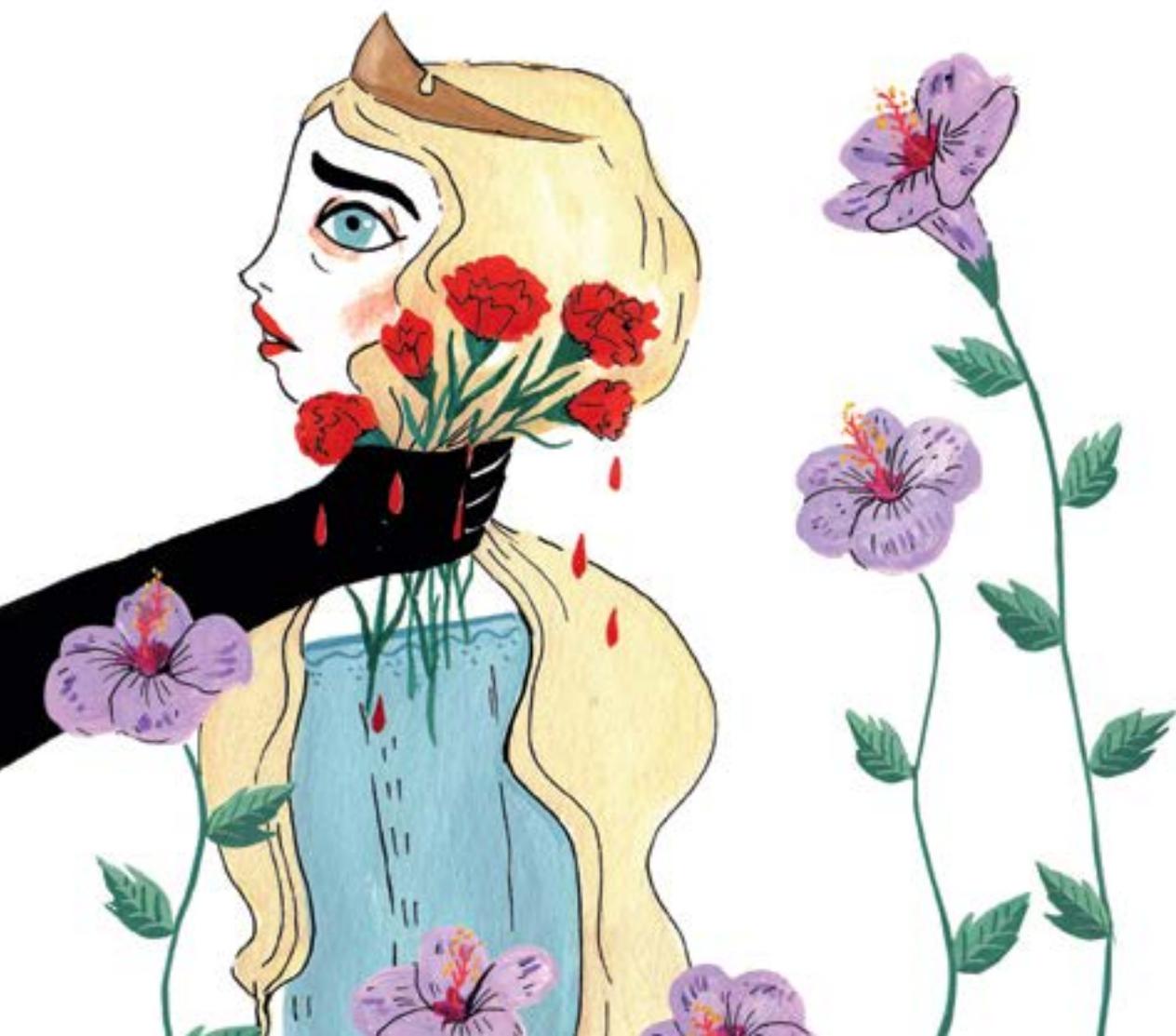
É esse o lugar que corresponde às mulheres, desde meninas, quando nos afastamos da linha que nos traçaram. Mas quem é que traça essa linha? E o que delimita? O que é que fizemos para merecer que nos assinalassem com a letra escarlata no peito sempre que a ultrapassamos, mesmo que não tenhamos consciência de o fazer? E, pior de tudo,

como deter essa mancha diminuta que, de forma quase impercetível, cresce e escurece pouco a pouco no nosso interior?

Com os anos, percebemos que o mundo está cheio de mulheres como nós, e que aquelas que outros nos tinham dito que eram nossas inimigas e a quem apontavam o dedo são também um pouco loucas, putas e bruxas, mas, no fundo, são nossas irmãs e fazem parte do nosso conciliábulo. Mas se isto acontece a todas, porque é que continuamos a sentir-nos mal e a considerarmo-nos culpadas? Começamos então a querer saber qual a origem de todos esses rótulos que, aos poucos, nos roubam a liberdade e não permitem que nos sintamos bem connosco próprias.



Na época em que começaram a chamar-me louca, ia à missa todos os domingos, passava horas aparvalhada a ver filmes como *Pretty Woman – Um Sonho de Mulher*, a ler os contos dos Irmãos Grimm, a desenhar e a sonhar com essas histórias. Quando o meu pai me ofereceu *A Bela Adormecida* em VHS, vi-a inúmeras vezes, até aprender os diálogos de cor. Cantava «Foste tu o sonho bonito que eu sonhei» como um disco riscado, enquanto dançava nos braços do meu príncipe imaginário, sem saber então que esse sonho tinha um fundo de pesadelo.



Tivemos sorte de não conhecer o relato original de 1634, escrito por Giambattista Basile. Nele não aparecem fadas, mas sim uns sábios adivinhos que vaticinam que a princesa Talía se picará com uma farpa de linho e morrerá, abandonada à sua sorte, pois o pai parte para longe quando isso acontece (da mãe nada sabemos, nem sequer é mencionada). Uma vez mais, a profecia cumpre-se (as profecias são o que de mais fiável existe nos contos); mas outro rei, que por ali andava à caça, chega por acaso ao castelo e, ao ver a jovem aparentemente morta, não consegue evitar ter relações sexuais com ela, ou melhor dizendo, sem que ela possa impedi-lo.

Nove meses depois, nascem Sol e Lua, que, ao tentarem mamar nos seios da mãe, confundem a mama com o dedo e sugam a farpa envenenada, despertando a jovem daquele pesadelo. O seu «amante», que não conseguiu esquecê-la após aquele encontro tão unilateral, decide voltar a vê-la e descobre o que aconteceu. Claro que Talía não se zanga e presta-se a manter um idílio com o seu violador, que, como é evidente, já era casado.

É aqui que entra a má da história, a mulher do rei, que, ao saber da infidelidade do marido, manda matar a princesa e os filhos e, como castigo, ordena que lhe deem a comer a ele os seus restos mortais. Evidentemente, é ela quem acaba morta, enquanto o novo casal vive feliz para sempre.

Sessenta anos depois de Basile, Perrault suavizou um pouco o relato ao substituir os sábios por fadas e apagar, sem mais nem menos, a violação, mas não retirou a cena da mulher canibal, desta vez a sogra, que se empenha em matar a nora e os netos para os comer de uma só dentada.

Até mesmo na versão açucarada da Disney, a mensagem ficou clara para todas as meninas do mundo: muito cuidado com as mulheres que nos rodeiam, porque à mínima coisa pregam-nos uma rasteira sem que saibamos porquê.





Aurora, Branca de Neve, Cinderela. Todas eram jovens, belas, passivas e dóceis. Os príncipes, esses eram enérgicos, aventureiros, valentes e, sim, um pouco maníacos, devido àquela história de as tomarem como suas, sem sequer lhes perguntarem. Quem se lembraria de questionar essas histórias de amor? Que menina decente se interrogaria acerca das intenções dos autores desses relatos? Porque, na verdade, nesses tempos, nenhuma de nós pensava que os Irmãos Grimm fossem homens que falavam de como era maravilhoso ser homem e incrivelmente aborrecido ser mulher.

A nossa meta era o amor do príncipe e, se para isso tínhamos de ser boas, então seríamos boas, o que não significava sermos protagonistas. Porque, com o tempo, apercebemo-nos de que, nos contos de fadas, as verdadeiras protagonistas são outras mulheres: as que não pensam em romances nem ficam sentadas, e muito menos a dormir, à espera de que um homem as salve. São tão donas da sua vida que seria importante que entendêssemos que isso não era bom, de modo que as transformaram em malvadas e procuraram um motivo que as convertesse em nossas inimigas. Mais uma vez, adivinha-se a mensagem: a nossa natureza é perversa e tem de ser contida, ao cruzarmos o limiar da adolescência, se possível por um homem, quando deixamos de ser meninas inocentes para nos tornarmos mulheres.



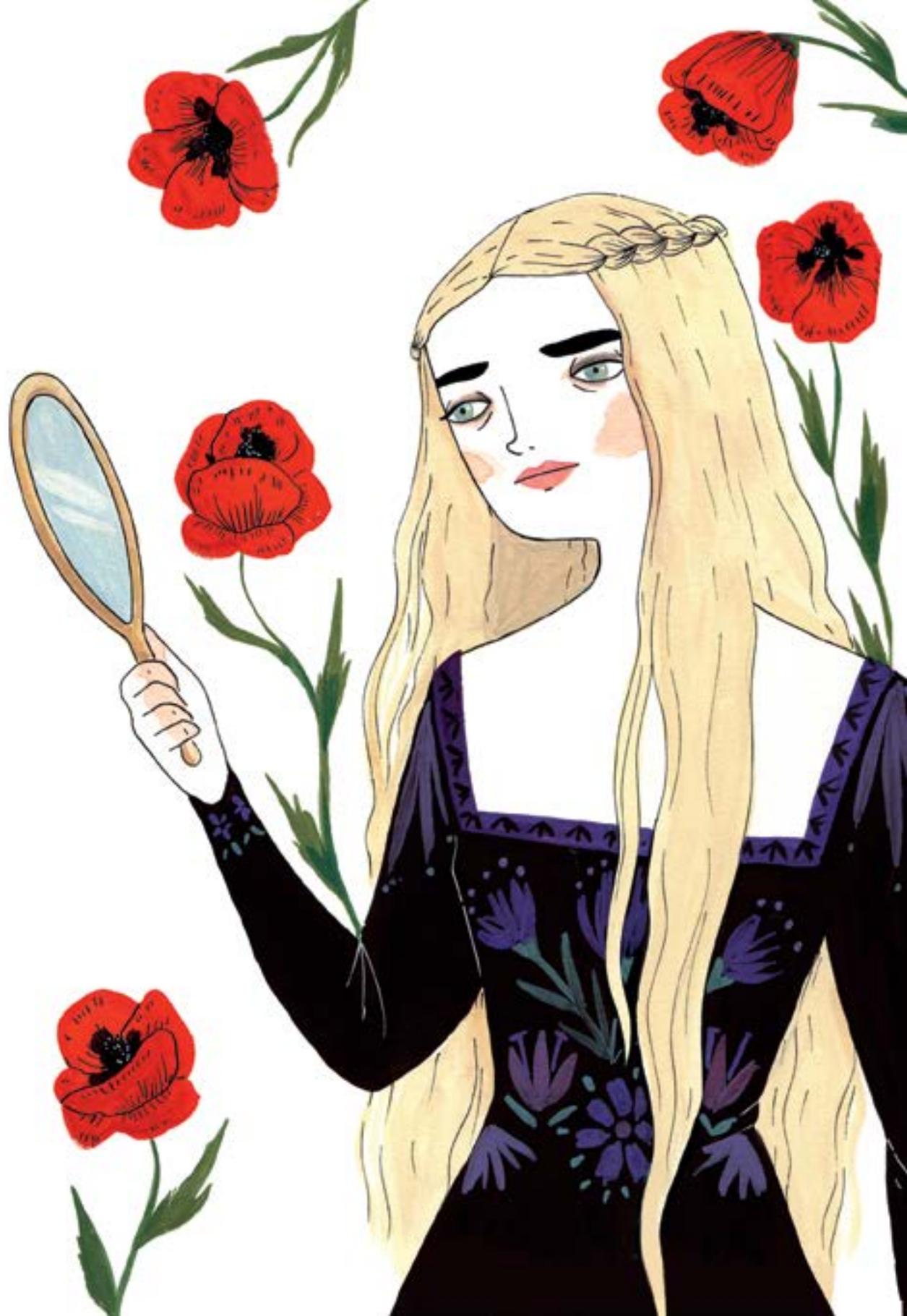
Durante muitos, muitos anos, as madrastas más surgiram como as piores malvadas dos contos, ou talvez devêssemos dizer apenas madrastas, ponto final, já que não existiam madrastas de outra natureza.

As madrastas não eram uma figura insólita nos princípios do século XIX: nessa época, muitas mulheres morriam durante o parto e era de esperar que os homens voltassem a casar-se com mulheres mais novas, capazes de cuidar da sua prole e de lhes dar mais filhos, já que, afinal, era para isso que servia o sagrado matrimónio.

Nas primeiras versões dos relatos orais popularizados pelos Irmãos Grimm, as madrastas não eram a única encarnação do mal. Há que dizê-lo: muitas vezes, a má era a mãe biológica. O conto mudou, literalmente, quando os Grimm substituíram as más mães pelas madrastas malvadas, convertendo-as no bode expiatório e na imagem de tudo o que ia contra o que se esperava das mulheres e da maternidade. As madrastas da Cinderela, do Hansel e da Gretel, da Rapunzel e da Bela Adormecida são bons exemplos disso. E principalmente a madrasta da Branca de Neve, a primeira personagem imensamente cruel num filme da Disney.

Com os Grimm ao comando, a partir de 1819 todas as versões de *Branca de Neve* contavam a história de uma rainha que desejava ter uma filha, mas que morreu durante o parto. Porém, no relato de 1812, essa rainha não morria ao dar à luz a menina; muito pelo contrário, continuava a viver para arder em ciúmes pela beleza da filha, de pele branca como a neve, cabelo negro como o ébano e lábios vermelhos como o sangue. O mesmo aconteceu em *Hansel e Gretel*: só na versão dos Grimm de 1840 é que a mãe, que insistia para que o marido abandonasse os filhos no bosque por não poder alimentá-los (e para, de facto, poder alimentar-se deles) se transformou na bruxa maléfica. Antes dessa reviravolta, a mulher que parira as crianças era o pior pesadelo dos filhos. Uma representação um pouco perturbadora de quem nos traz ao mundo.

Contudo, segundo a visão da época, havia uma razão de peso considerável subjacente a esta mudança que redimia as mães e condenava as segundas esposas.



As mães malvadas e cruéis constituíam um desafio aos valores familiares do século XIX, enquanto as madrastas, figuras que chegavam à família vindas sabe-se lá de onde, podiam encarnar o mal sem arrastar consigo as estruturas patriarcais. Se as mães não fossem santas, Deus nos livre, tudo aquilo em que elas tocavam poderia acabar corrompido: leia-se, os filhos. Era difícil aceitar tal coisa. De modo que, na realidade, os Grimm acreditavam estar a pôr a salvo a maternidade. Sim, a natureza pérfida das madrastas é também um conto.

Intriguistas e invejosas, as madrastas dos Grimm satisfazem-se aborrecendo as enteadas, embora não haja herança ou amor como motivo de competição. Mas, no final, o motivo aparece sempre.



Segundo o historiador alemão Eckhard Sander, o conto da *Branca de Neve* seria baseado na história real da condessa alemã Margarita von Waldeck, que viveu na primeira metade do século XVI. Conta-se que, na sua juventude, Margarita conheceu o príncipe Felipe de Espanha, com quem teve uma aventura, e foi envenenada pela corte de Carlos V, que não via com bons olhos esse romance. Claro que a culpada acabou por ser a madrasta e, nas mãos dos Grimm, o motivo do conflito passou a ser algo tão volúvel como a beleza (algo que, com toda a razão, interiorizamos desde pequenas como sendo um assunto transcendental). Para derramar mais sangue, o conto castiga a madrasta com uns sapatos de metal ardente, com os quais terá de dançar até ao dia da sua morte.



Deve ser pura coincidência que as madrastas perversas dos Grimm, e depois as da Disney, sejam mulheres fortes e astutas que não dependem de um homem. E, ainda para mais, sobra-lhes engenho e iniciativa. Se não se dedicassem a matar a torto e a direito, poderíamos mesmo admirar o seu enorme talento.

As heroínas dos contos, pelo contrário, não mostram a mínima vontade própria. Branca de Neve nunca questiona a madrasta e, ainda por cima, aceita todos os venenos que ela lhe oferece. Rapunzel resigna-se mansamente a viver desterrada pela feiticeira malvada, até que o príncipe cego a encontra no bosque. Cinderela teria passado à história, se o braço-direito do rei (outro homem), não insistisse tanto para que ela experimentasse o sapato de cristal por que todas ansiavam, a ponto de uma das suas meias-irmãs amputar os dedos do pé para o poder calçar.

São as madrastas quem carrega às costas o peso dos contos. Sem elas, a história seria uma telenovela sentimental como qualquer outra. Para derrotar mulheres deste porte, inimigas declaradas de outras mais jovens e indefesas, faz falta um homem; e, se for um príncipe, melhor, pois assim poderá mantê-la para toda a vida, para que não precise de sair de casa, nem de se meter em sarilhos.

Nos contos tradicionais, são eles que vivem as aventuras e imprimem um fôlego vital à vida das donzelas, até mesmo sem o consentimento delas. Como comenta Hélène Cixous em *O Riso da Medusa*, quando estas mulherzinhas inertes voltam ao mundo real, a sua primeira visão são os príncipes, seus salvadores, o seu novo universo de referência. Só eles podem restabelecer o equilíbrio quebrado por alguém que poderia ter sido uma amiga e companheira.





Com os anos, à medida que ia deixando de ser a menina a quem chamavam louca, apercebi-me de que aquilo eram apenas contos, mas que se tinham reproduzido tantas vezes na minha cabeça que a lição ficara gravada.

E, de repente, surpresa! Vejo-me envolvida numa relação amorosa em que, como que por encanto, sou a madrasta da história, e aí não existe ficção.

Tudo corria lindamente, eu dava-me bem com o filho do meu companheiro e até com a mãe da criança, porque, naquela altura, já tinha entendido que a «outra» não era minha inimiga. Mesmo assim, não sabia como devia nomear-me (ou, se sabia, não me atrevia, pois arriscava-me a que me fizessem dançar com sapatos incandescentes, e isso não me apetecia nada): não era a amiga, nem a prima, nem a namorada do pai. Era outra coisa, essa figura inominável. Porque intuía que, se dissesse três vezes a palavra *madrasta* diante do espelho, converter-me-ia imediatamente em bruxa e toda a gente iria perceber. É uma coisa que acontece às más: chamam sempre a atenção.





Como aquilo de que não se fala não existe, sentia que andava pela periferia de uma galáxia à qual não queria pertencer, como um planeta estranho a que ainda não deram nome. O batizado levou-me um ano e meio. Tinha de me olhar ao espelho e dizer com voz forte: MA-DRAS-TA.

E então a magia — ou bruxaria, porque quem as distingue? — fez o seu trabalho: disse-o, e o menino deu-me uma varinha de condão e riu-se, porque, no fundo, ele já sabia. E pronto. Não havia nada de mal em mim. Já fazia parte dessa galáxia.





Desde o aparecimento dos primeiros mitos, o universal tem sido narrado pelos homens, essa visão masculina que definiu o mundo, que nos disse como deveríamos ser — puras, dóceis, amorosas — e que alertou sobre o perigo das mulheres más, quer fossem górgonas vingativas, madrastas cruéis, Pandoras problemáticas ou Evas imprudentes a carregar a culpa do nosso destino.



Numa versão muito pessoal, María Hesse apresenta-nos outra visão sobre estas princesas passivas, bruxas perversas, mães maldosas, *femmes fatales*, loucas apaixonadas e personagens secundárias perfeitas. De Madame Bovary a Sarah Connor, de Joana, *a Louca*, a Yoko Ono ou de Helena de Troia a Monica Lewinsky, a autora reivindica a necessidade de encontrar novos referentes, novas leituras da História e a inspiração para que cada mulher possa ser aquilo que quiser num mundo em constante mudança.



 penguinlivros.pt

   penguinlivros



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN 9789897848056



9 789897 848056 >